



Flor do Carmelo

Boletim informativo da Ordem Secular dos Carmelitas Descalços

N.º 22 - 2006

Isabel da Trindade e Maria

“Depois de Jesus Cristo, sem dúvida na distância que vai do Infinito ao finito, há uma criatura que foi também o grande louvor de glória da Santíssima Trindade. Foi ela quem respondeu plenamente à eleição divina, de que fala o Apóstolo: manteve-se sempre «pura, imaculada, irrepreensível» aos olhos de Deus três vezes santo. A sua alma é tão simples. Os movimentos de tal modo profundos que não se pode surpreendê-los. Parece reproduzir na terra essa vida que é a do Ser divino, o Ser simples. Pois é tão transparente, tão luminosa...” (UR 40).

“Se conhecesses o dom de Deus...” Há uma criatura que conheceu esse dom de Deus, uma criatura que não perdeu sequer uma parcela dele, uma criatura que foi tão pura, tão luminosa, que parece ser a própria Luz: «Speculum justitiae». Uma criatura cuja vida foi tão simples, tão perdida em Deus, que quase nada se pode dizer dela.

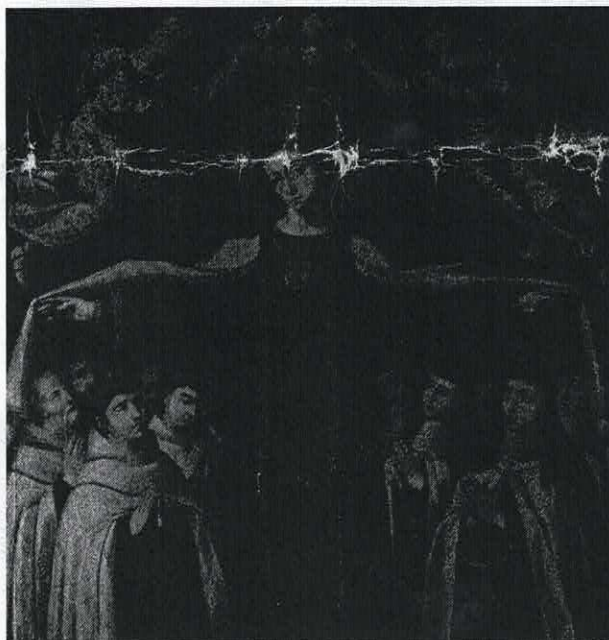
«Virgo fidelis»: é a Virgem fiel, «aquela que guardava todas as coisas no seu coração». Mantinha-se tão pequena, tão recolhida em face de Deus, no segredo do templo, que atraía as complacências da Santíssima Trindade: «Por que Ele olhou para a humildade da sua serva, doravante, todas as gerações me chamarão bem-aventurada!...».

O Pai, inclinando-se para esta criatura tão bela, tão ignorante da sua beleza, quis que fosse a Mãe, no tempo, d'Aquele de quem Ele é o Pai, na eternidade. Então, o Espírito de Amor, que preside a todas as operações de Deus, sobreveio-lhe; e a Virgem diz o seu fiat: «Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a vossa palavra», e assim se realizou o maior dos mistérios. E, pela descida do Verbo nela, Maria ficou para sempre cativa de Deus” (CF 39).

“Parece-me que a atitude da Virgem, durante os meses que decorreram entre a Anunciação e o Natal, é o modelo das almas

interiores, dos seres que Deus escolheu para viverem de dentro, no fundo do abismo sem fundo. Com que paz, em que recolhimento, Maria se entregava e se prestava a todas as coisas! Como é que mesmo as mais banais eram por ela divinizadas!” (CF 40).

“Quando leio no Evangelho «que Maria percorreu diligentemente as montanhas da Judeia» para ir cumprir o seu ofício de caridade junto a sua prima Isabel, vejo-a passar tão bela, tão calma, tão majestosa, tão recolhida interiormente, com o Verbo de Deus” (UR 40).



16 de Julho - Nossa Senhora do Carmo

“Ela aí está, junto da Cruz, de pé, forte e corajosa e eis o meu Mestre que me diz: «Ecce Mater tua», Ele dá-ma por Mãe... E, agora, que Ele voltou para o Pai, que me pôs a substituí-lo em seu lugar na Cruz para que sofra no meu corpo o que falta à sua paixão, por este seu corpo, que é a Igreja», a Virgem aí está ainda para me ensinar a sofrer como Ele, para me dizer, para me fazer ouvir os seus últimos cânticos da Sua alma em que, a não ser ela, a sua Mãe, ninguém mais pôde reparar” (UR 41).

“Há um coração de Mãe no qual podes ir refugiar-te, é o da Virgem.

Ele conheceu todos os desfalecimentos, todos os despedaçamentos, e permaneceu sempre tão calmo, tão forte, porque permanecia sempre apoiado no de seu Cristo!” (Ct 134).

“Esta Mãe de graça vai formar a minha alma a fim de que esta sua pequena filha seja uma imagem viva, «cativante», do seu primogénito, o Filho do Eterno, Aquele que foi o perfeito louvor de glória de seu Pai” (UR 2).

“Oh! nunca a amei tanto! Choro de alegria ao pensar que esta Criatura completamente serena, toda luminosa é a minha Mãe e alegro-me com a sua beleza, como uma criança que ama sua mãe; tenho uma inclinação muito forte para ela, erigi-a como Rainha e Guardiã do meu céu, e do teu” (Ct 298).

ORAÇÃO

Ó meu Deus, Trindade que eu adoro!

Ó meu Deus, Trindade que eu adoro, ajudai-me a esquecer-me inteiramente, para me estabelecer em vós, imóvel e pacífica como se já a minha alma estivesse na eternidade. Que nada possa perturbar a minha paz, nem fazer-me sair de vós, ó meu Imutável, mas que cada minuto me leve mais longe na profundidade do vosso Mistério. Pacificai a minha alma, fazei dela o vosso céu, vossa morada amada e o lugar do vosso repouso. Que nunca aí eu vos deixe só, mas que esteja lá inteiramente, toda acordada em minha fé, perfeita adoradora, toda entregue à vossa Acção criadora.

Ó meu Cristo amado, crucificado por amor, queria ser uma esposa para o vosso Coração, queria cobrir-vos de glória, queria amar-vos... até morrer de amor! Mas sinto a minha incapacidade e peço-vos para me «revestirdes de vós mesmo», para identificar a minha alma com todos os movimentos de vossa alma, me submergir, me invadir, e vos substituir a mim, a fim que a minha vida não seja senão uma irradiação da vossa Vida. Vinde a mim como Adorador, como Reparador e como Salvador.

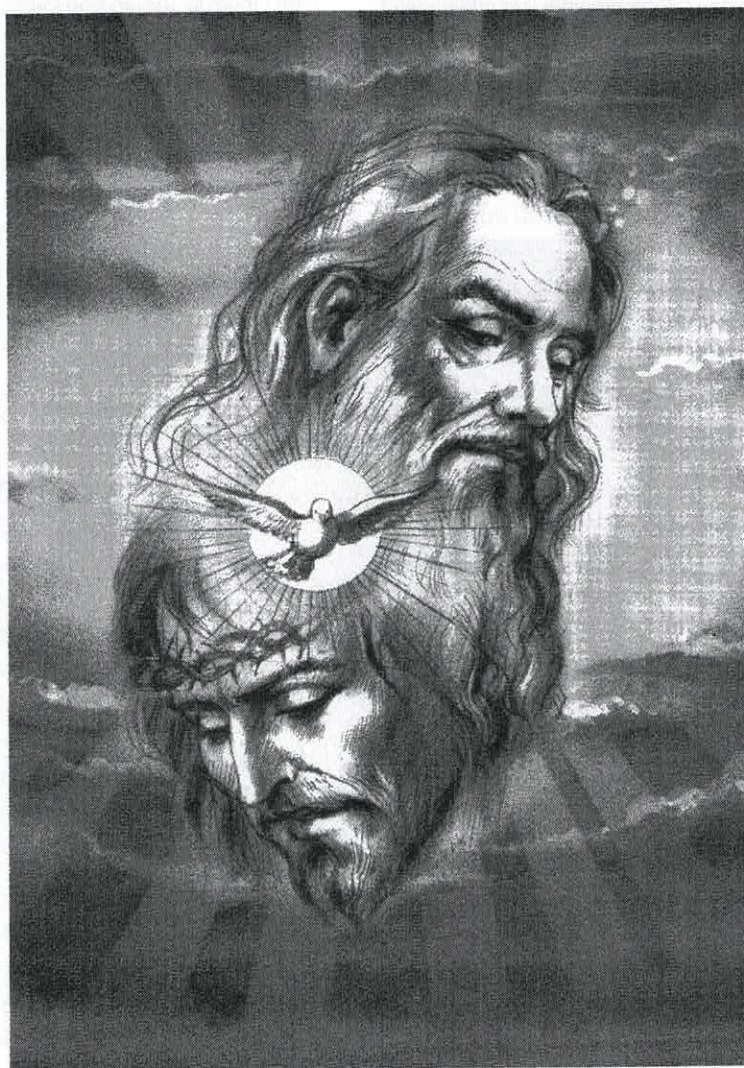
Ó Verbo eterno, Palavra do meu Deus, quero passar a minha vida a escutar-vos, quero tornar-me inteiramente dócil ao vosso ensino, a fim de tudo aprender de vós. Depois, por entre todas as noites, todos os vazios, todas as incapacidades, quero fixar-vos sempre e permanecer sob a vossa grandiosa luz; ó meu Astro amado, fascinaime para que já não possa sair da vossa irradiação.

Ó Fogo consumidor, Espírito de amor, «sobrevinde em mim», a fim de que se faça na minha alma como uma encarnação do Verbo: que eu Lhe seja uma humanidade de acréscimo na qual Ele renove todo o seu Mistério.

E vós, ó Pai, inclinai-vos sobre esta vossa pobre pequena criatura, «cobri-a com a vossa sombra», não vejais nela senão «o Bem Amado no qual pusestes

todas as vossas complacências».

Ó meus Três, meu Tudo, minha Beatitude, Solidão infinita, Imensidade em que me perco, entrego-me a vós como uma presa. Sepultai-vos em mim para que eu me sepele em vós, esperando ir contemplar na vossa luz o abismo das vossas grandezas.



História da Oração

Estamos perante uma oração que deu a volta ao mundo. Dispomos de umas trinta traduções. Esta oração tem alimentado tanto a vida espiritual de pessoas consagradas como a vida quotidiana de muitos pais e mães de família. O rei Balduino rezava-a todos os dias. Um bispo chinês, encarcerado no tempo de Mao, cochichava-a sem cessar. E muitos jovens a tem musicado para a poderem cantar nas suas celebrações.

Sobre a importância e actualidade desta oração trinitária, é significativo que o “Catecismo da Igreja Católica” lhe dedique uma menção especial (n. 260); e igualmente o “Compêndio” (n 49).

Estamos perante a oração que Isabel não preparou nem projectou. Também não a compôs a pedido de alguém. Brotou do fundo do seu ser, como homenagem de adoração à Santíssima Trindade que põe nela a sua morada e em quem ela quer morar.

Esta oração não é fruto de uma inspiração especial vinda do céu. É fruto daquilo que Isabel viveu já no mundo como jovem com veementes desejos de ser carmelita e depois no Carmelo de Dijon. E, mais concretamente, é fruto daquilo que ela descobriu nos meses de Setembro, Outubro e Novembro.

Do 25 de Setembro a 6 de Novembro de 1904, Isabel faz a sós os Exercícios espirituais. São momentos de felicidade. Escreve a sua irmã: “Há tanta felicidade na minha alma que tenho necessidade de to dizer [...]. Esta noite parto para a minha grande viagem: dez dias de silêncio absoluto e de completa solidão, com o véu sobre o rosto e várias horas extra de oração. Um programa sumamente atractivo” (C 211).

Alguns meses depois, escreve Isabel: “Parece-me que já podemos começar o céu na terra, uma vez que O possuímos, e em tudo quanto façamos podemos permanecer no seu amor. Ele fez-me compreender isto durante os exercícios espirituais feitos a sós que tive a dita de fazer no mês de Outubro” (C 219).

De 12 a 21 de Novembro a comunidade faz os seus exercícios espirituais, dirigidos pelo dominicano P. Fages. O texto conserva-se e o tema foi o seguinte: “Essa figura bela, amável e adorável como nenhuma outra que se chama Nosso Senhor Jesus Cristo”.

Depois da Eucaristia de encerramento do retiro, as Carmelitas dirigiram-se para o oratório e, diante do Santíssimo Sacramento exposto, renovam os seus votos religiosos. O Santíssimo permaneceu exposto até às 17 horas da tarde. Isabel passou aí longas horas de oração.

“Não existe dúvida alguma que durante a noite – entre as 20 e 21 horas – Isabel redigiu a sua oração naquele dia mariano, ao concluir aqueles Exercícios

espirituais, e depois de ter passado muito tempo aos pés do seu Amado” (Jean Remy, *Isabel de la Trinidad y la Oración*, Sal Terrae, Santander, 2005, 17).

Isabel escreveu esta oração com o coração e a partir da fé. Parece tê-lo feito, sem borrador, de uma só vez, quase sem correcções, embora com faltas de ortografia, numa folha arrancada dum caderno que ainda hoje se conserva. Esta oração só veio a ser conhecida depois da sua morte.

Nesta oração, Isabel dirige-se à Santíssima Trindade e parte de uma grande afirmação – “Ó meu Deus, Trindade que eu adoro” – e pede a Deus que a introduza cada vez mais na profundidade deste mistério. Começa por afirmar a unidade das três divinas Pessoas num só Deus. Depois dirige-se a cada uma delas numa enumeração que não era habitual: primeiro Cristo, depois o Espírito Santo e, por último o Pai.

Dirige-se a Cristo como “amado, crucificado por amor” e manifesta-Lhe três desejos e três querereres:

“quereria ser uma esposa para o vosso Coração”,

“quereria cobrir-vos de glória”,

“quereria amar-vos... até morrer de amor!”

Como Isabel experimenta a sua incapacidade para realizar aquilo que deseja, pede a Cristo a sua intervenção: “peço-vos para me «revestirdes de vós mesmo»”.

Isabel está mais que convencida que a santificação é obra de Deus, mas ela também tem que colaborar e fá-lo com determinação:

“quero passar a minha vida a escutar-vos”,

“quero tornar-me inteiramente dócil ao vosso ensino, a fim de tudo aprender de vós”,

“quero fixar-vos sempre e permanecer sob a vossa grandiosa luz”.

Depois de dirigir-se ao Espírito Santo: “Ó Fogo consumidor, Espírito de amor” e pede-lhe que venha sobre ela e realize nela “como a encarnação do Verbo”, para que “seja uma humanidade de acréscimo na qual Ele renove todo o seu Mistério”.

A seguir dirige-se ao Pai: “E vós, ó Pai”, e pede-Lhe que se incline sobre ela, “pobre pequena criatura” e a ame com o mesmo amor com que ama o Seu Filho.

E por fim, termina com uma declaração trinitária que é o ponto mais alto da oração: “Ó meus Três, meu Tudo [...] entrego-me a vós como uma presa. Sepultai-vos em mim para que eu me sepulte em vós, esperando ir contemplar na vossa luz o abismo das vossas grandezas”.

Temos aqui todo um programa de vida que não se deve viver somente durante o tempo privilegiado da oração mas durante todo o dia.

P. Jeremias

Isabel da Trindade

Biografia

Isabel Catez nasceu no campo militar de Avor, no dia 18 de Julho, Domingo, de 1880. Foram seus pais Maria Roland e Francisco José Catez. Seu pai nasceu no dia 29 de Maio de 1832 em Aire-sur-la-Lys. Sua Mãe, Maria Roland, nasceu em Luneville, no dia 30 de Agosto de 1846. Ele é o quarto de seis irmãos e de família pobre, oriundo duma dessas velhas famílias do Norte, em que os princípios cristãos juntamente com os nobres sentimentos do coração, se transmitem de pais a filhos. Na sua carreira militar, que abraçou desde a sua juven-



Maria Rolland aos 30 anos de idade.

tude, “conquistou sempre a estima dos superiores, a afeição dos iguais e a admiração de todos, pela sua lealdade, rectidão do seu espírito e as nobres qualidades do seu coração”. Estas palavras foram pronunciadas pelo Comandante diante da tumba do Capitão Catez no dia do seu funeral.

Ela, Maria Rolland, é oriunda do meio-dia e o seu nome, sobejamente conhecido no exército, evocava o culto da honra, da Pátria e da religião. É uma senhora muito sensível, de grande facilidade de relação o que a levará a fazer grandes amizades. Herdou a fé robusta e simples dos seus antepassados. Segundo alguns testemunhos, ela é bastante jansenista na sua maneira de pensar.

Era “admiradora entusiasta da grande Reformadora do Carmelo, Santa Teresa, comprazia-se em transcrever as páginas mais belas das suas obras, sem precatarse então que, por meio daqueles apontamentos, chega-

ria a pôr em contacto directo com a seráfica doutora a alma da sua terna filha, que havia de começar a nutrir-se, desde a mais tenra idade, com o ‘alimento da sua celestial doutrina’” (Madre Germana).

Uma vez que o senhor José Catez seguiu a carreira militar, a vida do casal não tinha grande estabilidade. Casado há um ano, tem já quarenta anos, nasce Isabel no campo militar de Avor, Farges-en-Septain (Cher), no meio de grandes dificuldades. Maria Roland sofreu muito durante umas trinta e seis horas antes do parto. Os dois médicos que a acompanhavam advertiram o capitão Francisco José Catez, que pro-velmente teria que fazer o sacrificio deste primeiro filho “cujo coração já não batia”. Pelo menos assim pensavam.

Consciente da situação, José, depois de falar com a sua mulher, a impulsos da sua fé profunda, corre apressadamente a casa do Capelão do acampamento de Avor, reverendo Chaboisseau, e pede-lhe que intercedesse por eles junto de Deus e aplicasse o Santo Sacrificio da Missa que ia celebrar pelas suas intenções, para que a criança esperada sobrevivesse. Na capela do campo começaram imediatamente a fazer orações. Ainda não tinha acabado a Missa quando, na “barraca” dos Catez, nasce uma menina, “bela e vivacíssima”.



Capitão José Catez. Usa a medalha militar e cruz da legião de honra, ganha a 28 de Janeiro de 1981.

No domingo seguinte, recebeu o Baptismo das mãos do capelão Chaboisseau. Era o dia da festa de Santa Maria Madalena.

No dia 10 de Maio de 1881, a Companhia do capitão Catez mudou de guarnição para Auxonne (Côte-d’Or). Meses depois, no dia 1 de Novembro de 1882, a mesma Companhia, foi novamente transferida, e a família Catez estabeleceu-se em Dijon, na Villa Billiet, rua Lamartine, junto à estação de caminho de ferro. Aqui nasce, no dia 20 de Fevereiro de 1883, Margarida (Guida). Quer ele quer a esposa, Maria Rolland, pertencem a famílias de católicos praticantes e educaram com firmeza e fidelidade à religião, as duas filhinhas, Isabel e Margarida.

As duas meninas são muito diferentes uma da outra. O que a pequena Guida tem de doce, tem Isabel de turbulento. Mas Isabel tem muito bom coração e gosta muito de seus pais.

Auto-retrato

Como é que Isabel se vê a si mesma? Ela faz este seu auto-retrato quando tinha mais ou menos catorze anos, depois de se ter dado já a “conversão” da sua vida. Diz assim: “Fazer o próprio retrato físico e moral não é uma tarefa fácil, mas recorrendo a toda a minha coragem, ponho mãos à obra e começo!... Sem que pareça vaidade julgo que o conjunto da minha pessoa não é desagradável. Sou morena e, segundo se diz, bastante crescida para a minha idade. Tenho uns olhos negros vivos, umas so-brancelhas espessas que me dão um ar severo. O resto da minha pessoa é insignificante. Os meus lindos pés poderiam dar-me o sobrenome de Isabel dos pés grandes como a rainha Bertal!... Eis o meu retrato físico!

Visto estarmos no moral, direi que tenho bastante bom carácter. Sou alegre e, devo confessar, um pouco irre-flectida. Tenho bom coração. Sou de natural agradável... Sem ser um modelo de paciência, sei geralmente con-ter-me. Não tenho rancor. Eis o meu retrato moral. Tenho os meus defeitos, infelizmente poucas qualidades!... Espero adquiri-las. Enfim, eis que está terminado esse exercício tão molesto. Estou muito contente com ele”.

Como a vêem os outros

Guida recordará a infância da sua irmã e descrevê-la-á da seguinte maneira: era “muito viva, mesmo colérica; as suas raivas eram verdadeiras raivas; enfim um diabinho”. Sua mãe fala dos “seus olhos furiosos”. A sua grande amiga Maria Luísa Hallo lembrar-se-á do seu “olhar de fogo”, embora o diga num contexto de entusiasmo caloroso.

Margarida mostrou um carácter doce e sociável, ao contrário de Isabel, voluntariosa e autoritária, é de “natureza violenta e colérica”, como constata lucidamente sua mãe. Filha e sobrinha de oficiais, sente-se correr nas suas veias um sangue altivo e ardente. A energia é

uma das qualidades mais importantes no seu ambiente em que não se transige em coisas de rectidão e de honra.

O sacerdote que a preparou para a primeira comunhão é capaz de afirmar: “Com um temperamento semelhante, Isabel tornar-se-á uma santa ou um demónio”.

Também a amiguinha, Francisca de Sourdon, recorda: “Carácter muito violento. Um dia fechou-se à chave na casa de banho e dava pontapés vigorosíssimos contra a porta. A Senhora Catez dava muitas vezes a Isabel bofetadas fortes. A sua mãe habituou-a a controlar-se, a dominar-se por amor e ela conseguiu uma paciência angélica até com a sua empregada que um dia lançou o candeeiro contra ela”.

Mas a acção inteligente da mãe, e a abertura gradual à graça de Deus, ajudam-na a vencer-se por amor. Verdaderamente, bem depressa mostrou não só uma forte sensibilidade, mas também um coração bom e afectuoso...

A família Catez

A família Catez é uma família muito unida. Dispomos de pormenores que nos mostram quanto a Senhora Catez se preocupava com o marido e com as filhas. Numa carta escrita por ela ao marido, que andava em viagem pelo Norte de França, demonstra uma grande solicitude por ele: “Não esqueças os meus conselhos, tem cuidado contigo, não abuses do cigarro nem da

cerveja, cuida da tua saúde e pensa em nós”.

A Senhora Catez, filha, neta e mulher de oficiais, é de carácter enérgico, mas capaz de dominar-se. Sabia superar as dificuldades próprias da sua condição de vida. O seu estado de saúde bem depressa se deteriora. Devido a uma mordedura de víbora, o seu organismo arruina-se.

A este seu problema de saúde bem juntar-se a dor pela morte do pai, o Senhor Rolland, que vivia com a família Catez e morre a 24 de Janeiro de 1887. À morte de seu pai, vem juntar-se a morte repentina do marido, vitimado por uma crise cardíaca, a 2 de Outubro de 1887.

A morte do marido abalou-a física e moralmente de modo que nunca mais recuperou totalmente. A partir deste dia as amigas das filhas não se recordam de a ver vestir se não vestidos pretos. Apesar de tudo não rompeu algumas das suas relações sociais com as famílias de oficiais que anteriormente frequentava. Parece mes-



mo que o círculo das suas relações se alargou ainda mais.

Isabel sofreu muitíssimo com a morte do pai. Mas, embora ele tivesse morrido, continua muito presente na vida de Isabel. Isabel é capaz de recordar a sua mãe, como uma coisa muito normal, a presença afectiva daqueles a quem a morte permite viver uma vida infinitamente mais viva, uma vida que não terá fim, porque é a participação na vida eterna de Deus: “No Céu e na terra os ausentes estão bem perto, não os sentes?”.



As duas irmãs: Isabel e Margarida – Primavera de 1901

A dor pela morte do pai, embora atenuando a vivacidade de Isabel, não aboliu totalmente as manifestações de um carácter muito forte e rebelde. Margarida recorda que os excessos de cólera de sua irmã eram, por vezes, tão violentos que “ameaçavam enviá-la e interná-la no *Bom Pastor* (uma casa de correcção muito próxima dos Catez) e até já lhe preparavam a mala com o enxoval”. Mas Isabel também era honesta. Quando compreendia que não se devem molestar os outros, imediatamente se corrigia.

O maior castigo que a mãe podia dar à sua filha, e que produzia o seu efeito, era privar a menina do beijo, à noite, antes de ir para a cama. Um dia, Isabel bendirá a mãe que a tinha ensinado a vencer-se por amor. “Vitória preciosa! – comenta a Madre Germana – tornando-se mais tarde a lei daquela alma, que a conduzirá de vitória em vitória, até aos mais árdios cimos da perfeição”.

Em fins de 1889 Isabel escrevia à mãe: “Desejo-te tudo aquilo que tu podes desejar. E agora que já sou crescida, quero mesmo tornar-me uma menina sossegada, paciente, obediente, cheia de boa vontade e que nunca mais se zangue. Sou a mais velha e devo dar o exemplo à minha irmã mais pequena e não a contrariar mais. Enfim, serei um verdadeiro modelo e poderão dizer que és a mais feliz das mães. Espero ter muito em breve a felicidade de fazer a primeira Comunhão e serei ainda mais bem comportada porque eu vou pedir a Deus que me faça ainda melhor” (C 2).

O desejo, a vontade e a esperança tornaram-se uma realidade. Isabel converteu-se.

(continuará)

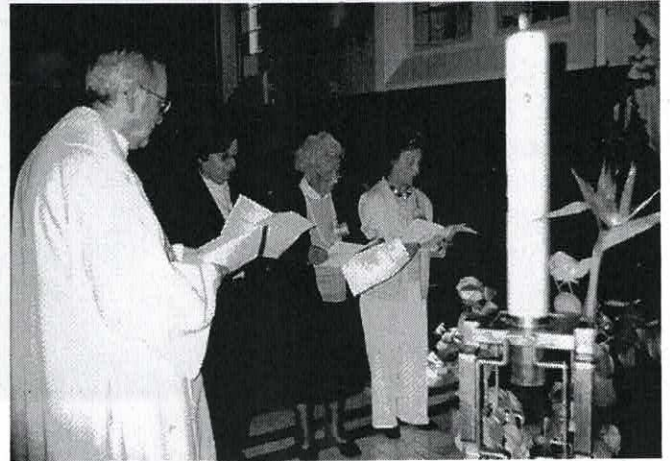
Notícias

XIII Encontro Nacional da Ordem Secular

No fim-de-semana de 28 a 30 de Abril, convergiram para o Centro Catequético em Fátima 54 Carmelitas Seculares das várias comunidades do País.

Esta assembleia, na qual estiveram presentes o Assistente Nacional – P. Jeremias Vechina –, o assistentes das Comunidades do Porto e de Viana do Castelo, respectivamente P. Alpoim Portugal e P. Fernando Reis, foi aberta pelo Padre Provincial – Rev. Pedro Lourenço Ferreira – que viria a concluir os trabalhos. Presidiu igualmente à Eucaristia de encerramento, com duas promessas definitivas e a renovação de uma promessa provisória.

É de notar que os factos de rezarmos em conjunto, de ouvirmos reunidos as Conferências do P. Armindo Vaz como biblista e a do Carmelita Secular António José Gomes Machado sobre Edith Stein (com a novidade de ser o primeiro intervencionista leigo nestas assembleias) vão tornando o grupo mais amigo, para além das dificuldades que permanecem por nem todos



Maria Dulce Matos Flor, Maria João Alarcão Santos Silva e Maria Teresa Peres fazem as suas Promessas definitivas

nos conhecermos bem e o tempo limitar quanto à partilha dos trabalhos, dos esforços e dos projectos das várias comunidades.

Este ano, pela força das circunstâncias, dedicou-se quase a totalidade do tempo disponível na tarde de Domingo ao plano que vem sendo alimentado quanto a uma residência para as pessoas que tiverem necessidade de resolver os seus problemas numa fase mais avançada da vida.

Das várias trocas de opiniões, do pensamento que daqui foi decorrendo, queremos crer que novos caminhos vão abrir-se, não só em relação a este assunto específico, como também quanto ao aperfeiçoamento da orgânica e dinamização da acção nas várias vertentes.

Somos unânimes no desejo de fidelidade ao carisma desta Ordem essencialmente Mariana, com a prioridade bem marcada do Amor, fruto da oração e da interiorização da Palavra de Deus.

Por afirmar-se que ninguém regressa como partiu e a certeza de que o Senhor faz história connosco garante e consolida a nossa Esperança.

Alice Montargil

Lar - Residência

É do conhecimento de todas as comunidades que se pensa fundar um “Lar – Residência” para os membros da Ordem Secular, em Fátima.

É também sabido que a ideia teve como ponto de partida a doação de uma vivenda da nossa irmã Maria de Lourdes Marques, na mesma localidade.

É ainda conhecida a doação de uma casa em Mértola, que já foi vendida pela quantia de 82.500 euros, que equivalem a cerca de 16.500 contos.

Têm surgido dúvidas acerca do modo de concretizar este projecto, tal como foi apresentado no último Encontro Nacional, em Fátima. Neste mesmo Encontro ficou estabelecido que deveria proceder-se a um inquérito junto de todas as comunidades, a fim de se saber do interesse que há relativamente a esta matéria.

Importa esclarecer que a vivenda doada não é suficiente para ser transformada no “Lar – Residência” com as condições requeridas. No entanto, contíguo à vivenda, existe um terreno colocado à venda actualmente pela quantia de 112.500 euros, que correspondem a cerca de 22.500 contos, cuja aquisição, quanto à área, já permitiria construir o desejado Lar. É evidente que acresce a esta despesa a adaptação da vivenda e a edificação de raiz das restantes instalações no referido terreno.

Tratando-se de assunto que se considera ser do interesse geral da Ordem Secular, reuniu-se o Conselho Nacional em Fátima no dia 8 de Junho, como foi prometido no Encontro Nacional. Esteve ausente o P. Provincial, bem como o seu Delegado, por se encontrarem a participar no Retiro da Província. O Conselho formulou as seguintes questões que apresenta à consideração de todos e para as quais espera uma resposta:

1.^a Na vossa comunidade há pessoas interessadas na realização deste projecto?

Sim

Não

Quem

2.^a Há pessoas dispostas a contribuir dentro das seguintes modalidades?

- Quotizações.

- Doações – financeiras ou de imóveis.

- Empréstimos sem juros.

- Outras.

Sim

Não

Quem

Modalidade

Quantia

O avanço deste projecto depende obviamente da avaliação das respostas às questões formuladas.

Uma vez que o dono do terreno atrás referido aguarda uma resposta rápida, impõe-se que o vosso parecer deve ser comunicado ao Secretariado até 31 de Julho próximo, impreterivelmente. Esta urgência decorre também da crescente procura, interesse e consequente subida de preços, dos terrenos em Fátima.

É inquestionável que se trata da primeira grande obra da Ordem Secular e da sua afirmação, o que exige o compromisso e amor à Ordem de todos e cada um.

Pelo Conselho Nacional...

Maria do Rosário Borges de Castro

Presidente

Oremos pelos nossos defuntos

“Nota edificativa”

No passado dia 6 de Junho de 2006, faleceu a nossa Irmã Carmelita Descalça Secular Maria João Ponces Alarcão Santos Silva da Comunidade da Figueira da Foz.

Nasceu a 21 de Setembro de 1918 na Vila de Montemor-o-Velho onde tinha fortes raízes familiares. Viúva, mãe de duas filhas e avó de três netos.

Após a intervenção de risco devida a um derrame cerebral, certamente proveniente de uma queda em 3 de Maio, sobreveio uma pneumonia e consequentes complicações a que fisiologicamente não resistiu. Digo fisiologicamente porque, dois dias antes, quando, lúcida, decidida e impregnada da Fé que “experimentou”, recebeu a Santa Unção e me disse: “Com Jesus, baixar os braços nunca!”. Esta expressão definia no seu cunho de frontalidade, extrema disponibilidade e entusiasmo pela vida.

Clara e progressivamente desejava aprofundar mais e mais a espiritualidade carmelitana, o que ficou patente na determinação de, no dia 28 de Abril anterior ao seu falecimento, se ter comprometido em definitivo com a Ordem que amava no quadro de simplicidade ao estilo da sua vida mas, posso testemunhá-lo com total predilecção.

Não se poupando a qualquer esforço ou ajuda que lhe era pedida, a Maria João deixou marca na Figueira e, porque não dizer-lo?, na Ordem no âmbito *muitíssimo restrito* que é o da nossa Comunidade. A marca do seu carácter ficou expressa!

Pessoa muito educada, de simpatia e sorriso cativante, não temia desagradar para estar, acima de tudo, de acordo com a própria consciência. Jovial – apesar dos seus quase 88 anos – transparente, empenhada e pronta entregou-se generosa e totalmente por fidelidade à amizade. Disso foi prova a numerosa participação

na Eucaristia do seu funeral a que presidiu o Rev. P. Jeremias Vechina ocd concelebrando com o Rev. P. João Veríssimo pároco de S. Julião – Figueira da Foz – e o Rev. P. Claro.

O Carmelo Secular fez-se representar pela Presidente Nacional, pela Né Teixeira, pela Teresa Peres também de Lisboa e pela Maria Emília André Presidente da Comunidade de Coimbra.

O título de “Nota edificativa” quis, de começo, sublinhar que estão repassados de nobreza e amor os valores que nos lega.

Alice Montargil

“Passeando para a eternidade”

No dia 15 de Junho, solenidade do *Corpus Christi*, faleceu o P. Jesus Castellano Cervera ocd. O P. Jesus saiu para dar um passeio por volta das quatro da tarde, com intenção de voltar e poder assistir à procissão do *Corpus Christi* que ia ser presidida pelo Papa. Esse passeio foi um passeio para a eternidade. Ao caminhar, sentiu-se mal; prestaram-lhe as ajudas possíveis, desde um porteiro de uma casa, até um médico. Foi o próprio P. Jesus que pediu que o levassem ao Hospital de São Camilo, o que veio a acontecer, mas morreu imediatamente. Seu passeio foi um Encontro, encontro com o Pai, que desde a misericórdia terá acolhido em seus braços o operário de sua vinha.

Jesus Castellano Cervera, nasceu no dia 30 de Junho de 1941, em Villar del Arcebispo (Valência, Espanha). Fez a profissão simples no dia 4 de agosto de 1957, nos Carmelitas Descalços do Deserto das Palmas (Castellón).

Professou solenemente a 10 de outubro de 1962 no *Teresianum* de Roma, ordenando-se sacerdote na mesma cidade em 25 de abril de 1965.

Doutor em Teologia com a tese sobre a Presença real de Cristo na Eucaristia. Foi professor no *Teresianum* de Roma durante mais de trinta anos e Presidente (decano) de 1994 a 2000, assim como em outros centros académicos.

Consultor de sete dicastérios do Vaticano e autor de múltiplas publicações e conferências, tanto na Itália como em outros países, o P. Jesus era muito estimado nos ambientes religiosos e nos movimentos eclesiais por sua competência e disponibilidade.

Consultor da Congregação para a Doutrina da Fé desde 1983, onde trabalhou estreitamente com o então prefeito, hoje Bento XVI. Membro consultor também da Sala de Celebrações Litúrgicas do Papa, era colabo-

rador do Mestre de Cerimónias pontificias, o arcebispo Piero Marini.

Seu funeral foi presidido pelo mestre de cerimónias do Papa, o arcebispo Marini e reuniu na capela da Faculdade Pontificia *Teresianum* de Roma mais de mil pessoas que conheciam este especialista em liturgia e espiritualidade.

Na concelebração participou também Dom Angelo Amato, secretário da Congregação para a Doutrina da Fé e o bispo José Luís Redrado, secretário do Conselho Pontifício para a Pastoral da Saúde e dezenas de sacerdotes.

Ao terminar a celebração, Dom Piero Marini se dirigiu directamente o P. Jesus, dizendo-lhe emocionado: “Cada um de nós recorda seus encontros contigo, tuas palavras doces e persuasivas, teu belo sorriso. Quantas vezes me encontrei contigo nestes quase vinte anos de tua colaboração com o Departamento das Celebrações Litúrgicas do Santo Padre! A última vez foi na terça-feira passada, no Departamento, para preparar os textos da próxima visita do Santo Padre à tua querida Valência, em tua amada Espanha”.

“Querido P. Jesus – disse-lhe Dom Marini – nestes anos colocaste à minha disposição tua preparação científica e me deste o dom de tua rica sensibilidade humana, de tua bondade e mansidão, de teu amor pela verdade. Não propuseste uma espiritualidade particular, mas a espiritualidade da Igreja, baseada na Liturgia e vivida quotidianamente na amizade e na alegria, segundo espírito carmelita de santa Teresa de Jesus”.

“Hoje, ante teu corpo, muitos não esconderam as lágrimas – concluiu. São, ao mesmo tempo, lágrimas de amargura e lágrimas de gratidão. São o baptismo do espírito que renova o coração. Nossas lágrimas são lágrimas de fé, porque sabemos, segundo a espiritualidade oriental que tanto amavas, que este corpo teu, sob a potência do espírito, já começou a tomar a forma do corpo de glória, desse corpo espiritual que todos receberemos com a ressurreição dos justos”.

Ao finalizar o rito das exéquias, os fiéis aplaudiram e entoaram o “Maria, Mãe do Carmelo”, e o féretro – simples, de metal – foi levado em procissão pelos jardins do *Teresianum*. A comitiva fúnebre continuou até o Cemitério romano do Verão, onde a Ordem do Carmelo tem uma capela.

A lembrança do enterro recolhe a foto do P. Jesus Castellano com o hábito carmelita, ajoelhado ante o Papa Bento XVI, no dia do início solene de seu pontificado. Na imagem, o Papa sorri enquanto o P. Jesus lhe beija o anel de Pedro. Detrás lê-se a frase de Teresa de Jesus: “Eu te agradeço, Senhor, porque morro filha da Igreja”.



Boletim Informativo das Fraternidades da Ordem Secular da Província Portuguesa de Nossa Senhora do Carmo dos Carmelitas Descalços * Fotocomposição: Delfim Machado * Responsável da publicação: P. Jeremias Carlos Vechina * Sede: Rua de Nossa Senhora do Carmo, 2 – Moita Redonda – 2495-423 Fátima Tel. 249 531 210 * jeremias@carmelitas.pt; Sítio: www.carmelitas.pt